


CCB

9 A 12 JUL 26



**QUEM TEM MEDO  
DE VIRGINIA WOOLF?  
DE EDWARD ALBEE**  
TRADUÇÃO E ENCENAÇÃO DE  
SIMÃO DO VALE AFRICANO

ARTES  
PERFORMATIVAS

Temporada  
2025/2026

Centro Cultural de Belém  
Pequeno Auditório  
Qui e Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h  
+14  
Duração aproximada: 160 min

***Quem tem medo de Virginia Woolf?* de Edward Albee**

Tradução e Encenação **Simão do Vale Africano**

Cenografia **Nuno Carinhas**

Figurinos **Bernardo Monteiro**

Desenho de Luz **Pedro Correia**

Coordenação de Montagem e Afinação de Luz **Rui Simão**

Desenho de Som e Sonoplastia **Joel Azevedo**

Música Original **Daniel Martinho**

Assistência de Encenação **David Salvado**

Direção de Produção **Inês Simões Pereira**

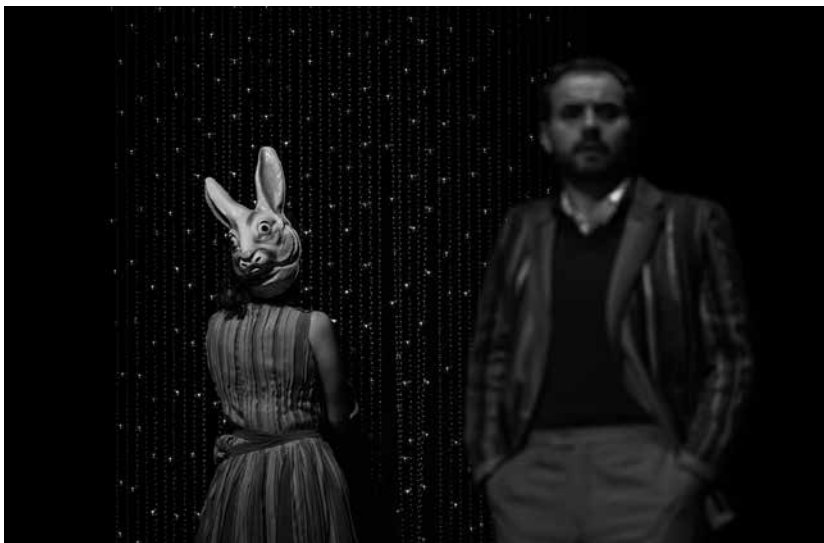
Confeção de Figurinos **CLEM** (Costuralogia)

Interpretação **João Reis, Margarida Carvalho, Daniel Silva, Joana Africano**

Apoio à Residência **CRL – Central Elétrica**

Produção **Subcutâneo – Teatro Hialurónico**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Teatro Nacional São João**



© José Caldeira

### «Estamos só a passear à trela o que resta do nosso juízo.»

Dois casais numa sala de estar durante uma longa madrugada. Martha e George são os anfitriões e têm cerca de 50 anos; Honey e Nick, bastante mais jovens, são os convidados. À medida que o tempo avança e as bebidas se sucedem, os quatro mergulham numa demoníaca espiral de «desilusões, traições, fantasias e desejo desenfreado». Quando a peça *Quem tem medo de Virginia Woolf?* estreou na Broadway, em 1962, aconteceram duas coisas: o espetáculo provocou uma controvérsia sem precedentes e o autor, Edward Albee, entrou diretamente para o panteão dos grandes dramaturgos norte-americanos do século XX. Representada múltiplas vezes e um pouco por toda a parte, esta obra-prima chega agora ao palco do CCB, numa encenação de Simão do Vale Africano. Um texto devastador, mas também comovente. Uma comédia negra – bastante cómica e muito negra. Como observou Albee: «Às vezes é preciso derramar sangue.»

## O ANO DA MORTE DE PINO D'ANGIÒ

Pino D'Angiò, cantautor italiano, um dos mais brilhantes intérpretes da Italo Disco – mais conhecido pelo seu megaêxito *Ma Quale Idea*, que certamente muitos de nós ouvimos algures em discotecas, esses espaços de socialização extrema que morreram às mãos das máfias violentas da noite e dos bares híbridos –, faleceu em Julho.

Deixou uma obra relativamente extensa, com letras divertidas – hilariantes até, para quem perceba italiano –, cheias dos seus alter egos, de engatões falhados, de desejos desenfreados, pensamentos subconscientes manifestados em verso, bebidas espirituosas e cigarros fumados pela metade.

Conheci-o (quer dizer, conheci a sua obra, mas posso dizer que o conheci a ele também, porque o que é um homem senão a prova dos nove sobre as múltiplas personagens que invoca?) apenas no ano da sua morte, no defunto 2024, numa conversa entre amigos portugueses – essa outra raça de latinos, que não deixa de ser terna, mas que peca sempre por um humor tímido, que se protege numa visão comezinha de si própria e da vida e não numa explosão de cores e sabores como os verdadeiros latinos sabem fazer, os que são banhados por todos os lados pelo Mediterrâneo.

*Non sono un computer  
E se voglio un bambino  
Io sono latino  
Me lo faccio da me  
Non sono un computer  
E se bevo del vino  
Io sono latino  
E mi sento così*

Não sou um computador  
E se quiser fazer um filho  
Eu sou latino  
Faço-o sozinho  
Não sou um computador  
E se bebo vinho  
Eu sou latino  
E é assim que me sinto

Num ano em que os eucaliptos do Teatro voltaram a chupar tudo e a não deixar nada, num ano em que a DGArtes, esse maravilhoso, burocrático e comezinho mecanismo de controlo da liberdade de expressão e do discurso criativo, dizimou a cidade do Porto e o Norte, deixando de fora os projectos dignos, criativos e cosmopolitas de companhias como a minha (a Subcutâneo – Teatro Hialurónico), ou os Palmilha Dentada, a ASSÉDIO Teatro ou o FIS – Festival de Artes Performativas a Solo, Pino foi a minha luz, o meu riso, acompanhou-me todos os dias, fez-me dançar, cantar, fez-me falar dele e das suas canções todos os dias. Ouvi-o ao ir para a cama, ao acordar, no autocarro, sempre que me apeteceu e apeteceu-me sempre. No ano dos eucaliptos, Pino foi a minha fonte de água, de graça, e não há como lhe agradecer senão dedicando-lhe este espectáculo.

E quem estiver a ler este texto pensará: «Por que raio é que este fulano se põe para aqui a falar dum italiano qualquer da Disco num projecto de texto americano do final dos anos 50?» Porque sim, porque esta peça é tão boa que mete medo, mete medo falar dela e poder estragá-la. Ela deve ser habitada tão-somente por quem a faz no palco, tudo o que eu possa dizer pode ser uma asneira, pode estragar-vos a experiência de conhecerem a loucura, a violência e a graça de George, Martha, Honey e Nick, de conhecerem a língua inglesa pela óptica simples, pequena e bacoca do meu português. E eu não quero estragar-vos nada. Quero que ouçam *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* como quem ouve Italo Disco, com vontade de se libertar, de dançar e de cantar.

Tenho medo de estragar a minha peça favorita e, portanto, escrevo um «texto de encenação» fragmentado, arriscado, com significados e universos que são meus e que não posso ter a pretensão de serem entendidos por outros, mas que espero sejam entendidos por outros. E fazer Teatro é mesmo isto, tentar ser claro enquanto se corre o risco de se ser mal-entendido. E traduzir, que é como (re)escrever como quem fala em cena, é também correr o risco de impregnar um texto de outros significados e de uma graça especial que a língua portuguesa possa ter, procurando uma coloquialidade própria de cada personagem e da sua forma de falar-pensar-sofrer.



O ano de 2024 foi um tempo de assaltos à minha dignidade e à dos profissionais que me acompanham há anos, sobretudo à dignidade da Joana e do Daniel (que verão em cena daqui a nada), do Joel e do Pedro, da Ruana. Mas esta gente é «demais», é divertida, é inteligente, é arejada, é linda e faz Teatro como ninguém. A equipa neste projecto é a minha dream team. Estou-lhes eternamente grato por terem regado o descampado artístico em que vivemos. Este espectáculo é só mais uma forma de pegar em palavras (no caso, estas de Edward Albee, palavras geniais) e de as libertar através dos seus intérpretes, os de cena e os de fora de cena.

*Non sono una congiura gli effluvi di Chanel  
La gente che ha paura s'affoghi col Martell  
La notte è molto scura  
La birra è di Bruxelles  
E d'imbecilli non ne voglio più  
E allora...  
DO NOT DISTURB!*

Não são uma conjura, os eflúvios de Chanel  
Quem tem medo que se afogue no Martell  
A noite é muito escura  
A cerveja é de Bruxelas  
E os imbecis já não os aturo  
E portanto...  
DO NOT DISTURB!

O meu beijo especial a si, que me está a ler.  
Proteja-se do frio, odeio o frio. Bom espectáculo.

**Simão do Vale Africano**

Texto redigido em Fevereiro de 2025, aquando da estreia  
do espetáculo no Teatro Nacional São João, Porto.

(O autor escreve de acordo com o antigo Acordo Ortográfico.)

## SIMÃO DO VALE AFRICANO

Nasceu em Viseu, em 1984; licenciou-se em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade do Porto. Viveu em Génova, onde estudou representação na Scuola di Recitazione del Teatro Stabile di Genova. Mais tarde, em Turim, trabalhou com encenadores como Pierpaolo Congiu e Antonio Villella, tendo também desenvolvido projetos independentes nos quais encenava e representava.

Como ator interpretou textos de autores como W. Shakespeare (*Hamlet*, *A Fera Amansada*, *Muito Barulho por Nada*, *O Rei Lear*), C. Goldoni (*A Estalajadeira*, *O Teatro Cómico*), L. Pirandello (*O Homem da Flor na Boca* e *Cecé*), Molière (*Tartufo*), W. Allen (*Riverside Drive*) ou E. O'Neill (*Longa Jornada para a Noite*). Dos encenadores com quem trabalhou devem sublinhar-se os nomes de Joana Africano, Sara Carinhas, Rogério de Carvalho, Nuno Carinhas e Ricardo Pais. É fundador da Subcutâneo – Teatro Hialurónico, da qual foi um dos diretores artísticos durante 10 anos.

Foi assistente de encenação e ator no espetáculo *talvez... Monsanto*, uma criação de Ricardo Pais com direção musical de Miguel Amaral, uma coprodução Subcutâneo/TNSJ/CCB. Foi assistente de encenação de espetáculos dos seus colegas de companhia Joana Africano (*NÉMESIS*) e Daniel Silva (*Má Fé*).

Trabalhou como encenador, tradutor e dramaturgo: Em abril de 2013, regressou de Itália para encenar «Gertrude», uma sua criação a partir de *Hamlet*,

de W. Shakespeare. A 13 de maio de 2016 estreou (numa coprodução Subcutâneo/TNSJ) a sua encenação de *As Criadas*, de Jean Genet, trabalho que recebeu a Menção Especial da Crítica (2016) pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Traduziu quatro peças de L. Pirandello (publicadas numa edição do TNSJ), duas das quais nunca antes editadas em português. Destas, três foram encenadas pelo próprio num espetáculo intitulado *Trattoria Pirandello* (coprodução Subcutâneo/TNSJ), que estreou a 15 de novembro de 2018, no Teatro Carlos Alberto, Porto. Nos primeiros meses de 2019, encenou «Escrever, Falar», de Jacinto Lucas Pires, numa coprodução Momento/Casa das Artes de Famalicão. Em 2022 encenou a primeira dramaturgia de sua autoria, *O Cadáver Esquisito*, produção Subcutâneo – Teatro Hialurónico. Recentemente traduziu e encenou *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, de E. Albee, no TNSJ, com enorme sucesso de bilheteira, numa coprodução Subcutâneo/TNSJ/CAVNF/CCB. É docente regular de interpretação no balletatro escola profissional. É também fotógrafo, tendo dedicado grande parte do seu trabalho à fotografia de cena e à criação de conteúdos promocionais para espetáculos, incluindo os seus. Foi colaborador da Voyeur Lab. Apresentou a sua primeira exposição com a série *self-less self-portraits* (com curadoria de Rossana Mendes Fonseca, na CRU – Creative Hub, Porto).





**SUBSCREVA A  
NEWSLETTER CCB**

**SAIBA TUDO EM PRIMEIRO LUGAR**

**[ccb.pt/newsletter](http://ccb.pt/newsletter)**



# Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

**Entrada gratuita** Free admission

## MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

**30% desconto** 30% discount

**Espetáculos CCB** CCB Performing Arts

**Estacionamento Gratuito** Free parking

**Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€**

For museum visits, performances, or purchases over €20

**Convite para um espetáculo** Invitation to a performance

**Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições**

Openings, Events and Exclusive Exhibition Tours

**Desconto** Discount

**Lojas e Restaurantes CCB**

CCB Stores and Restaurants

**Newsletters exclusivas**

Exclusive Newsletters



## Cartão CCB

Descubra as vantagens em [ccb.pt/cartao](http://ccb.pt/cartao)

Discover the advantages at [ccb.pt/cartao](http://ccb.pt/cartao)



# TEMPORADA 2026\_2027 ARTES PERFORMATIVAS



Descubra toda a temporada em [ccb.pt](http://ccb.pt)

